

# INTERTEXTUALIDADES MÍTICAS NO ROMANCE DOIS IRMÃOS: UM BREVE RELATO

Denilson Costa Menezes<sup>1</sup>  
Universidade Iguazu

**RESUMO:** Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre a questão da intertextualidade na obra *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. O trabalho traça um roteiro de três aspectos fundamentais deste romance: a similitude temática; a equivalência das personagens e a simetria de seu enredo com outros dois intertextos, a saber, o romance *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, e o Livro de Gênesis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Milton Hatoum. Intertextualidade. Bíblia. Machado de Assis.

## Introdução

O objetivo desta pesquisa é investigar o que chamamos de intertextualidades míticas em *Dois irmãos*, do escritor amazonense Milton Hatoum. O segundo romance do manauara tem como ambiência um lugar que, em suas próprias palavras (BIRMAN, 2005, p. 6), “é como um ímã e uma catapulta, que me atrai e me repele”: a bela Manaus, o cenário predileto do autor. Sua obra trata da (MENEZES, 2009, p. 1) “intrincada e tensa relação entre os gêmeos Omar e Yakub”, que centraliza todos os periféricos da trama. Hatoum aborda, ora com sutileza, ora com agressividade, a questão da fragmentação do pilar social e “reconstrói a trajetória de uma família estremecida em seus relacionamentos interpessoais, devido a ciúmes doentios, estranhas paixões e escolhas inadequadas” (MENEZES, 2009, p. 2).

Este artigo pretende ainda esquadrihar tais temas por meio de revisão crítico-bibliográfica e no diálogo travado com o romance *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, o qual narra a história do relacionamento conflituoso entre os gêmeos Pedro e Paulo; e um dos episódios narrativos de maior significância da *Bíblia Sagrada*, em princípio, para judeus e árabes e, *a posteriori*, para todas as nações, tanto orientais como ocidentais: a saga de Esaú e Jacó. Verificar-se-á a similitude temática entre as obras pesquisadas, além do modo como o assunto se desdobra em vertentes literárias e se agrupa em novas roupagens textuais, perpetuando-se, mesmo nas distinções, por meio de uma sincronicidade estético-literária. A

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras pela Universidade Iguazu.

reflexão sobre a equivalência entre personagens, ou de como elas se entrecruzam em relato discursivo parêntico, além das conformidades físicas e afetivas, também será um dos aspectos abordados. O artigo se encerrará com a questão da simetria entre os enredos das obras estudadas, como a ação interna dos textos se assemelha, constituindo, assim, uma proeminência narrativa dentro de um mosaico de significados multifacetários, requerendo dos interlocutores um olhar reflexivo para o além-texto, pois apenas a decodificação morfossintática, neste caso, não teria a capacidade dedutiva, indutiva e reflexiva necessária à compreensão do desfalecimento do mítico, instituído a partir de estereótipos socioculturais retratadas nas literaturas observadas. É mister lembrar de que o recurso do comparatismo se aplica, não somente à generalização dos tópicos almejados, mas, inclusive, às distinções engendradas dentro dos temas da pesquisa. Como se percebe na fala de Carvalho (2007, p. 6), “a comparação não é um método específico, mas um procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação”.

Enfim, esta pesquisa tem o intuito de estabelecer a relevância da literatura brasileira contemporânea no aprofundamento reflexivo de suas questões imanentes.

## 1. Similitudes temáticas

A *Weltliteratur*, expressão cunhada por Goethe, aponta para uma literatura mundial além-fronteiras, na qual a Tematologia<sup>2</sup> abarca a pluralidade e extensão desse conceito. Entretanto, aqui, a pesquisa das similitudes temáticas será transcrita, não em caráter *lato*, mas *stricto sensu*, visando a uma criticidade apurada do trabalho proposto, isto é, dos assuntos proeminentes percebidos em *Dois irmãos*, os quais dialogam, claramente, com os temas encontrados em *Esau e Jacó*, penúltima obra de Machado de Assis, e com a narrativa dos gêmeos de Rebeca, em *Gênesis*, capítulos. 25-35.

Percebe-se a intertextualidade (termo que solidificado por Julia Kristeva, em 1969), de imediato, na relação entre os romances *Dois irmãos* e *Esau e Jacó* com a própria narrativa bíblica dos homônimos que, mesmo sendo uma transcrição literal, no caso de Machado, e alusivo-referencial, em Hatoum, não esgota o assunto em seus preâmbulos temáticos de narrativa densa, porquanto a família é a célula *mater* na formação das sociedades ocidental e oriental. Muitos dos conflitos inerentes, e por que não dizer, decorrentes, do relacionamento interpessoal no seio familiar, projetam-se e/ou refletem o conflito sociocultural e político de

---

<sup>2</sup> Tematologia é, segundo Tânia Franco Carvalho (2006), o estudo de temas.

uma nação. Como no romance de Machado, em que os gêmeos Pedro e Paulo se batem em disputa político-ideológica atroz: o primeiro era republicano; o segundo, monarquista:

A imaginação os levou então ao futuro, a um futuro brilhante com ele (...) Botafogo teria um papel histórico, uma enseada imperial para Pedro, uma Veneza para Paulo (...) Esta possibilidade (...) enfunou a alma do moço. Paulo viu-se à testa de uma república, em que o antigo e o moderno, o futuro e o passado se mesclassem, uma Roma nova, uma Convenção Nacional, a República Francesa e os Estados Unidos da América. Pedro, à sua parte construía a meio caminho como um palácio para a representação nacional, outro para o imperador (ASSIS, s/d, p. 67).

No trecho da obra machadiana referida, há uma clara e relevante autodefesa em relação à crítica de que suas narrativas não problematizavam as questões emergentes de uma sociedade em busca de uma identidade nacional. O momento político é conturbado e desafiador: o da Proclamação da República, em 1889, e o fim do regime escravocrata, no ano anterior, na realidade, por questões de autossustentação, fizeram dos escravos sujeitos devedores, então. Também, o conceito de liberdade-fraternidade-irmandade à inglesa, motivado pela aquisição de novos mercados consumidores d'além mar para o escoamento de sua produção, só poderia acarretar nesta rede de interesses, mentiras e sequestro da subjetividade do homem nativo e do transplantado. Após esta breve digressão, vejamos, no romance *Dois irmãos*, de Hatoum, uma forte e crua referência sociopolítica:

Foi humilhado no centro da praça das Acácias, esbofeteado como se fosse um cão vadio à mercê da sanha de uma gangue feroz. Seu paletó branco explodiu de vermelho e ele rodopiou no centro do coreto, as mãos cegas procurando um apoio, o rosto inchado voltado para o sol, o corpo girando sem rumo, cambaleando, tropeçando nos degraus da escada até tombar na beira do lago da praça. Os pássaros, os jaburus e as seriemas fugiram. A vaia e os protestos de estudantes e professores do liceu não intimidaram os policiais. Laval foi arrastado para um veículo do Exército, e logo as portas do Café Mocambo foram fechadas. Muitas portas foram fechadas quando dois dias depois soubemos que Antenor Laval estava morto (HATOUM, 2000, p. 142).

Salta-se, agora, do século XIX para o século XX e o ano é de 1964. Antenor Laval, professor de literatura, é ridicularizado, dilacerado em sua hombridade e finalmente morto. Um retrato fidedigno dos anos de chumbo. Não é mera coincidência a abordagem deste período de trevas. A questão identitária da nacionalidade tupiniquim perpassa, obrigatoriamente, pela autonomia do indivíduo, sua cidadania e criticidade reflexiva, construída dentro dos parâmetros da similitude e distinções de suas escolhas pessoais e sociais. Em *Alguma Poesia*, primeiro livro de Drummond, publicado em 1930, Etcheverry

(2005, p. 8) nos conta, com muita propriedade, que “no tocante a metáfora, acreditou-se que era essencial à linguagem poética (...) Drummond vai além: prescinde da metáfora”. Ou seja, é uma linguagem explícita, direta, cortante. O episódio narrativo dos primeiros dias de abril no romance *Dois irmãos* é, assim, calcado em uma experiência real, concreta, depois ficcionalizada. A morte de Laval é a representação do extermínio de uma literatura cuja especificidade era a de construir uma crítica reflexiva nacional. O assassinato do professor metaforiza o sangue jorrado em praça pública, encarcerando a liberdade de expressão e inibindo manifestações de cunho político. É a sede vampiresca dos parvos pelo poder, esmagando toda exteriorização de vida inteligente que encontra pelo caminho. Portanto, a mítica do distanciamento afetivo, cognitivo e social do autor, imprescindível à produção de uma obra literária, é desautorizada aqui. Candido (2000, p. 74) afirma que “numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social (...)”. Os autores cumprem uma função social em seus relatos ao denunciarem as condições contraproducentes e autoritárias dos líderes da nação; ao aproximarem a arte da realidade e se recusarem ao confinamento monástico. Suas vozes ecoam nos tiranos como tempestades em noites mal dormidas e de insônia. Enfim, a ambiência textual é regada por uma reflexão oportuna acerca das condições sociológicas contraditórias da nação; e isso, sem o conseqüente apagamento poético do texto, em detrimento da exposição historicista, preocupada, muitas vezes, mais com a informação do que com a arte.

As escrituras hebraicas, segundo o Dr. Joseph Angus (*apud* MACNAIR, 2006, na Introdução) estão assim divididas: Torah (A Lei), Hebhim (Os Profetas) e Kerthubhim (Os Escritos). No livro de Gênesis, que pertence à Torah, a narrativa bíblica nos apresenta uma história exponencial, que se desdobra através dos tempos com conseqüências conflituosas, tanto no âmbito religioso-racial quanto no político-social. As guerras e guerrilhas travadas na região do Oriente Médio estão fundamentadas no tripé religião-terra-raça. Jacó e Esaú, irmãos gêmeos, nascidos de Rebeca, começam uma longa saga, que se perpetua até os dias hodiernos. O primogênito, Esaú, desprezava o seu direito à primogenitura, como se atesta em Hebreus (*apud* MACNAIR, 2006, p. 1389): “E ninguém seja fornicador ou profano, como Esaú que, por um manjar, vendeu o seu direito de primogenitura”. Para que se perceba, com mais exatidão, a questão da primogenitura, McNair (2006, p. 35) entende que ela é um dos três elementos essenciais à compreensão deste tópico: “Até o estabelecimento do sacerdócio aarônico; o cabeça da família exercia direitos sacerdotais”. No nascimento de uma grande

nação, numa sociedade patriarcal, o filho primeiro tinha o poder de decisão sobre a divisão das terras e a última palavra acerca de qualquer assunto, inclusive os religiosos. Apesar de Esaú dizer “eis que estou a ponto de morrer, e para que me servirá logo a primogenitura?” (BÍBLIA SAGRADA, 1994, p. 28) Jacó, contrariamente, instruído por sua mãe, usurpa, com um prato de lentilhas e pão, o direito de seu irmão; ainda que não entendesse, com clareza, o que havia adquirido. Todavia, Rebeca, sua mãe, compreendia, perfeitamente, a situação geopolítica na qual estava envolvida. Segundo a promessa concedida por YHVH<sup>3</sup> a Abrão, de que uma grande Nação procederia de seus lombos e nele seriam benditas todas as famílias da Terra, o primogênito, nesta concepção, estaria na linha direta de sucessão do cumprimento da profecia bíblica, iniciada com o patriarca Abrão (que, após vinte e quatro anos decorridos aos setenta e cinco que possuía, teve o nome mudado para Abraão)<sup>4</sup>, amadurecida por Isaque (o qual nascera um ano após o acontecimento anterior) e, finalmente, cumprida em Jacó, de quem, efetivamente, procederam as doze tribos que formam a nação de Israel. Logo, há no texto um conflito sociopolítico que envolve não somente uma família, mas toda uma construção identitária de uma nacionalidade – com seus pilares histórico-genealógicos – e uma cultura religiosa que mudaram o mundo, principalmente, por intermédio do advento messiânico. O tripé, referido por Veríssimo (religião-terra-raça) afirma-se na fala de Vanucci ao dizer que:

Em termos simples e introdutórios, nacionalidade é aquilo pelo qual um povo afirma sua identidade ou sua ipseidade – ou seja, o que ele é em si mesmo – e suas diferenças, isto é, a consciência de constituir uma parcela especial dentro da coletividade mundial. (...) será preciso designá-la como processo social permanente e conflitivo, com o qual se edifica e se aprofunda a identidade de um povo. (...) Ninguém pode desconsiderar a força telúrica de elementos existenciais como a terra, a casa, a alimentação (...) (VANNUCI, 1999, p. 41).

Apreendendo-se o sentido lato de nação e nacionalidade, a crítica acerca desses aspectos se enraíza em um aprofundamento semântico de seus elementos constitutivos. Pois tanto na obra machadiana, na qual se encontra a tensão monarquia/república, como na obra de Hatoum, em que se observa a relação democracia/ditadura e no relato bíblico, que se dá pelo binômio nação/subjugação, para a dicotomia retratada por Vanucci ao descrever a nacionalidade como:

---

<sup>3</sup> YHVH. Tetragrama hebraico (idioma cuja ressurreição se deve a Eliezer Bem-Yehuda, um judeu europeu, que na primavera de 1879, produziu um artigo, no qual propunha a criação, na Palestina, de um estado judeu, no qual a língua oficial fosse o Hebraico), que significa Jeová.

<sup>4</sup> Abraão/Abrão – Hb, pai de multidões, em oposição a pai da altura.

(...) processo permanente e conflitivo, um fazer-se que se realiza por meio de contradições históricas, luta e, ao mesmo tempo pacto, continuidade e ruptura, supõe o velho e incorpora o novo; uma tensão pelo estabelecimento no espaço físico, como demarcador de uma propriedade da soberania do ser nacional (VANNUCI, 1999, p. 42).

Enfim, não obstante a todas as questões antropológicas que envolvem o conceito de nacionalidade e nação, o homem é percebido nas narrativas por uma espécie de *behaviorismo*, da qual decorre toda sua improbidade.

## 2. Equivalência das personagens

As personagens dos romances *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, publicado em 1904; *Dois irmãos*, do manauara Milton Hatoum, editado em 2000; e o episódio da narrativa bíblica, no qual se encontra a saga dos homônimos, atribuída a Moisés, numa data difícil de especificar, por razões, de acordo com McNair, de foco narrativo<sup>5</sup>, mas, modestamente, podendo-se datá-lo em, no mínimo, 3500 anos atrás, entrecruzam-se num diálogo de equivalências diacrônicas, intertextualizadas em uma sincronicidade de nomes e significâncias, fronteira às discussões entre naturalismo e convencionalismo linguístico, encontradas já no *Crátilo*, de Platão (Cf. OLIVEIRA, 2001). Portanto, a nominalização das pessoas e das coisas nos relatos não é sem propósito, como se observa no trecho da obra machadiana:

Antes do parto, tinham combinado em dar o nome do pai ou da mãe, segundo fosse o sexo da criança. Sendo um par de rapazes, e não havendo a forma masculina do nome materno, não quis o pai que figurasse só o dele. A mãe propunha franceses ou ingleses, conforme os romances que lia (...) Um dia estava Perpétua à missa, rezou o Credo, advertiu nas palavras: "... S.Pedro e S.Paulo", e mal pôde acabar a oração. Tinha descoberto os nomes; eram simples e gêmeos. (...) não se julgava incapaz de os ter, e era alguma coisa nomeá-los (ASSIS, s/d, p. 27).

Os nomes das protagonistas machadianas remetem a dois dos apóstolos exponenciais da Era Cristã: Pedro, o apóstolo da primeira mensagem após a assunção de Cristo, considerado pelos romanistas o primeiro Papa (ainda que todas as evidências históricas demonstrem que nunca esteve em Roma e a própria primazia de liderança eclesiástica da recente Igreja

<sup>5</sup> O foco narrativo de Gênesis. A ênfase dos relatos não é historicista, senão, profética. É por causa desse fato que mais de 2000 mil anos estão comprimidos nos primeiros onze capítulos do livro, em detrimento dos 300 anos que consomem o restante do livro, ou seja, os trinta e nove capítulos restantes.

primitiva do século I não fosse exercida por ele) e Paulo, de perseguidor da *ecclēsīāaa* a perseguido pela causa cristã. O doutrinador do tempo da graça, o menor (o último) dos discípulos, mas o maior (o primeiro) dos apóstolos dado integralmente aos gentios. O título da obra de Machado de Assis cria laços de afinidades com os homônimos no livro de Gênesis, enquanto que em *Dois irmãos* os protagonistas, os gêmeos Omar e Yakub, fazem a mesma referência direta ao texto bíblico. O dicionário Aurélio diz que nome é uma palavra que designa pessoa ou coisa (FERREIRA, 2008, p. 353). Então, a designação nominativa das personagens conduz-nos a um conceito mais reflexivo acerca de seus respectivos nomes e dos títulos dos romances. Os nomes estão impregnados de uma atmosfera mítica em torno de suas significâncias, origens e projeções. São símbolos, alegorias, códigos e até mesmo são usados intencionalmente com puro sarcasmo e ironia: Domingas, a empregada no romance de Hatoum, tem seu nome atrelado ao domingo, dia do descanso, entretanto, ela nunca descansa; Perpétua, na obra de Machado, não tinha filhos; como se perpetuaria? Jacó, segundo Boyer (1999, p. 341), é uma palavra hebraica que significa suplantador. Em MacNair (2006, p. 1502) lê-se aquele que toma o lugar do outro, ou seja, usurpador. Será este o herói da trama de Gênesis? Nota-se aqui que não há arbitrariedade linguística na escolha dos nomes: o nome tem equivalência com o ser. Jacó, personagem bíblico, é caseiro, apegado muito mais à mãe que ao pai, carece, muitas vezes, de coragem (e de caráter), deixando transparecer certa inveja de seu irmão Esaú, que é admirado pelo pai por ser um excelente caçador, um promissor patriarca, e um líder nato, por intermédio do qual a nação seria estabelecida, conforme se vê no exemplo: "E cresceram os meninos. E Esaú foi varão perito na caça, varão do campo; Mas Jacó era varão simples, habitando em tendas. E amava Isaque a Esaú, porque a caça era de seu gosto; mas Rebeca amava Jacó" (BÍBLIA SAGRADA, 1994, p. 28). A partir desse relato, a intertextualidade entre os protagonistas dos romances fica evidente: são personagens com uma equivalência extraordinária no aspecto fisionômico, na inflexão da voz, até mesmo no sorriso. Entretanto, no interior de cada narrativa, os gêmeos reservam grandes abismos e distinções na afetividade e no comportamento interpessoal:

No entanto (...) e com uma voz tão parecida com a do irmão que Domingas assustada, procurava na sala um Yakub de carne e osso. A mesma voz a mesma inflexão. Na minha mente, a imagem de Yakub era desenhada pelo corpo e pela voz de Omar. Yakub e Omar nasceram dois anos depois da chegada de Domingas à casa. Halim se assustou ao ver os dois dedos da parteira anunciando gêmeos. Nasceram em casa, e Omar uns poucos minutos depois. O caçula. O que adoeceu nos primeiros meses de vida. E também um pouco mais escuro e cabeludo que o outro. (HATOUM, 2000, p. 46).

A narrativa contemporânea de Hatoum se entrecruza num diálogo intertextual com o romance de Machado, como se percebe no trecho a seguir:

Nem casal, nem general. No dia sete de abril de 1870 veio à luz um par de varões tão iguais, que antes pareciam a sombra um do outro, se não era simplesmente a impressão do olho, que via dobrado. (...) O rosto comprido cabelos castanhos dedos finos e tais que, cruzados os da mão direita de um com os da esquerda de outro, não se podia saber que eram de duas pessoas. Viriam a ter gênio diferente, mas por ora eram os mesmos estranhões. Começaram a sorrir no mesmo dia. O mesmo dia o viu batizar. (ASSIS, S/d, p. 27).

Os gêmeos são percebidos como pares, sua semelhança é tão grande que tende a confundir até mesmo os pais. Todavia, o próprio tratamento a eles concedido não é homogêneo.

Um outro aspecto a considerar é a desconstrução mítica da figura feminina nos relatos. Constituída com acuidade crítica, o feminino nas tramas é uma presença não-coadjuvante, contrasta com a mulher idealizada, as musas do Romantismo, pois desfaz o aspecto de emudecimento feminino imposto pelo cientificismo Naturalista (SOARES, 1984, p. 93), do qual o mais longe que se podia ir, era à porta do Cortiço; o que traduz a verossimilidade sociológica da época. Nael (narrador de *Dois irmãos*) descreve como a mítica presença feminina é desconstruída no romance. Zana, a mãe dos gêmeos, é uma presença que foge aos estereótipos de feminilidade que embalam as noites românticas da primeira fase desse movimento. Ela é maliciosa com os próprios filhos, usa sua sexualidade para seduzi-los, e tudo sem culpa nem regras, apenas pelo prazer de que permaneçam aos seus pés:

Depois a mãe tinha que aturar as cunhantãs que assediavam seu filho. Enviavam bilhetes e mensagens pela manicure. A mãe lia as palavras das oferecidas, lia com um prazer quase cruel, sabendo que o seu Yakub não sucumbiria aos versos de amor copiados de poetas românticos (p. 24).

(...) Beijou-a com ardor, e nesse movimento Zana lagrimou, em parte por emoção, em parte porque o Caçula, depois do beijo, apresentava-lhe a namorada. Dessa vez ela não quis disfarçar: encarou com um sorriso dócil e um olhar de desprezo à mulher que jamais seria a esposa de seu filho, a rival derrotada de antemão. (...) Halim torcia para que uma dessas mulheres levasse o filho para bem longe. (...) Mas ele intuía que Zana era mais forte, mais audaciosa, mais poderosa. (HATOUM, 2000, p. 74).

Rebeca, no livro de Gênesis, também transgredir a imagem mítica de uma boa mãe: senhora íntegra e imaculada. Ela mente, instrui o filho a mentir, ultrapassa os limites bem definidos da sociedade patriarcal da antiguidade hebraica, sai da posição de coadjuvante e vai



para a de protagonista de uma história trágica que se perpetua em sangue e dissensões até hoje. Ela encobre os seus erros, esconde os fracassos, escusa-se à realidade dos fatos apenas pela paixão de ver sua afetividade e seu intenso desejo de poder satisfeitos a qualquer preço. Como no episódio no qual, após instruir o filho Jacó a tomar o lugar de seu irmão, concretiza seu projeto cobrindo-o de peles, a fim de que ficasse parecido com seu irmão Esaú, que era peludo: “E com as peles dos cabritos cobriu as suas mãos e a lisura do seu corpo” (BÍBLIA SAGRADA, 2006, p. 37). No caso da obra machadiana, *Natividade*, a mãe de Pedro e Paulo, é o único elo de amor que os une. Ela é uma trégua na guerra insana. Um ponto e um norte de paz para ambos. Por outro lado, Flora, a eterna candidata à namorada, a desejada dos gêmeos é o centro da disputa apaixonada, que os atrai e os repele. Ela é fascinada por Pedro; sente-se seduzida por Paulo; nunca se decide, como Rânia, irmã de Yakub e Omar, do romance *Dois irmãos*, que não se casou porque:

(...) nenhum tinha o olhar do caçula: um olhar de volúpia, devorador. Talvez Rânia quisesse pegar um daqueles pamonhas e dizer-lhe: Observa o meu irmão Omar; agora olha bem para a fotografia do meu querido Yakub. Mistura os dois, e da mistura sairá o meu noivo (HATOUM, 2000, p. 73).

Nota-se a sedução exercida por Flora e a presença apaixonada de Rânia em um diálogo de equivalência na constituição das personagens, isto é, a intensidade da paixão com que o relacionamento é construído (e fragmentado) dentro de uma ambiguidade que se desdobra num mosaico de emoções paradoxais:

(...) Ao contrário, Flora ria com ambos sem rejeitar nem aceitar especialmente nenhum; (...) Era então que Pedro multiplicava as suas finezas para se não deixar vencer do irmão, que vinha pródigo delas. E Flora recebia-as todas com o mesmo rosto amigo. (ASSIS, s/d, p. 65).

O narrador de *Esaú e Jacó*, o conselheiro Aires (o mesmo do último romance de Machado, *Memorial de Aires*) vai além, quando diz que Paulo gostava mais de conversa que de piano; então, Flora conversava. Pedro gostava mais de piano que de conversa, então, Flora tocava piano. Machado, que é um fino observador dos costumes políticos, constrói com dubiedade a personagem (que não sabe a quem se entregar, se toca piano ou se conversa, e, por fim, acaba morrendo) como um vivo retrato de uma sociedade na qual os paradigmas familiares e socioculturais estão fragmentados. À sociedade falta-lhe a firmeza de um caráter próprio, uma identidade peculiar que a defina. E, se não bastasse, há os que tocam piano ou conversam de acordo com seu interlocutor, isto é, não tomam partido nos acontecimentos, são

indubitavelmente epicuristas, horacianos: *carpe diem*. Querem viver a vida, desfrutar o momento, de preferência sem preocupações sociais ou com o futuro. No entanto, dentro dessa construção identitária nacional há o grupo monarquista, no qual Pedro se estabelece, e também o conceito republicano, do qual Paulo é seguidor. Aliás, os ideais dos gêmeos estão muito longe de ser a construção de uma identidade tupiniquim, senão o motivo maior que rege suas escolhas é a glorificação própria: fazer cumprir o que a cabocla do Morro do Castelo vaticinara, mesmo que se afoguem nas águas onde Narciso morrera.

*Ecce mǔliēr*<sup>6</sup> — numa desconstrução paradigmática literária cartesiana, demarcando uma nova fronteira na intervenção crua, no corte narrativo que a figura feminina representa nas obras literárias pesquisadas, inspirando em Clarices, Cecílias etc. um novo modelo de comportamento cultural feminino: não apenas um eco, um reflexo, mas uma feminilidade com voz e imagem própria.

No romance *Dois irmãos*, o relato de Nael, acerca de Rânia, irmã caçula dos gêmeos, demonstra o cultivo de uma relação incestuosa com os irmãos, emergindo, pois, questões ambivalentes que Sófocles abordara em *Rei Édipo* e que foram o ponto de partida para a pesquisa psicanalista freudiana:

No aniversário de Zana, os vasos da sala amanheciam com flores e bilhetinhos amorosos do Caçula, flores e palavras que despertam em Rânia uma paixão nunca vivida. Por um momento, (...) Rânia esquecia o farrista cheio de escárnio e via no gesto do irmão o fantasma de um noivo sonhado. Ela o abraçava e beijava, mas afagos em fantasmas são passageiros, e Omar reaparecia, de carne e osso, sorrindo cinicamente para a irmã. Sorria, fazia-lhe cócegas nos quadris, nas nádegas, uma das mãos tateava-lhe o vão das pernas. Rânia suave, se eriçava e se afastava do irmão, chispando para o quarto (HATOUM, 2000, p. 69).

Halim, Zana, Omar, Yakub, Rânia, Lívia, Dália; Isaque, Rebeca, Esaú e Jacó; Natividade, Santos, Pedro, Paulo, Flora, Perpétua são personagens que se entrecruzam na constituição temática, numa intertextualidade mítica narrativa, como Candido (2000, p. 74) observa acerca da literatura representando um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras. As personagens estão vivas, ora em voz ativa direta, ora num fluxo de consciência muda, a cargo da hermenêutica do leitor, ou melhor, da cara leitora, preferência machadiana. Logo, os diálogos entre os temas, as personagens e os enredos das narrativas participam da contemporaneidade literária, ainda que, *a priori*, neste artigo se faça flagrante o termo

---

<sup>6</sup> *Ecce mǔliēr*: “Eis a mulher”, expressão cunhada na equivalência e no paradoxo da original: *Ecce homo, Eis o homem*, encontrada na *Bíblia*, traduzida por Jerônimo, conhecida por Vulgata Latina em meados do séc.IV.

atemporal, o que ratifica o exponencial conceito de intertextualidade entre os estilos e movimentos literários existentes em todas as épocas.

### 3. Simetria dos enredos

A verossimilhança do conjunto de incidentes que constroem a ação no romance *Dois irmãos* refaz a trajetória de muitas famílias. Um elo historicista se estabelece com a obra ficcional machadiana e o episódio bíblico de Gênesis. O enredo da obra de Hatoum desnuda a história da fragmentação do pilar social: a família — num jogo de intrigas, incesto, orgulho e jactância. A rivalidade entre irmãos, o desejo de sórdida vingança, a disputa pelo poder: tudo alimentado pela paixão por uma mulher e a intervenção abrupta, intermitente e apaixonada da presença matriarcal, em oposição à ausência permissiva e à fragilidade inoperante do patriarca. Também não se pode olvidar do flagrante misticismo, da religiosidade e do sobrenatural nas tramas, que é um dos pontos proeminentes no enredo das três obras apresentadas neste artigo.

No enredo do romance *Dois irmãos*, de Hatoum, a morte de Galib, pai de Zana, desestruturou-a com tanta intensidade que Halim (cônjuge) não podia mais tocá-la. Situação remediada por uma beleza de cunhantã, oferecida (na realidade, comercializada, como era costume na época) pela igreja romanista, na pessoa de uma nobre freira: “Uma menina mirrada, que chegou com a cabeça cheia de piolhos e rezas cristãs (...) andava descalça e tomava bênção da gente” (HATOUM, 2000, p. 48). A partir desse incidente, a mudança se prefigura, como quando Halim diz: “O que a religião é capaz de fazer (...) Pode aproximar os opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa” (HATOUM, 2000, p. 48). E o narrador completa: “Um pequeno milagre desses, que servem para toda a família” (HATOUM, 2000, p. 48). E, de fato, serviu. Enquanto a indiazinha mirrada, piolhenta (que, por enquanto, não tem nome) era uma devotada escrava; a sua ama estava livre dos afazeres domésticos e bem mais propensa a retornar à vida de casada, para felicidade sexual do marido. É mister a observação de que a cabeça de Domingas (até os escravos tem nome) estava cheia de piolhos e rezas cristãs, isto é: a narrativa prefigura o desprezo à prática mentirosa, doentia e aliciadora da religião estatal. Demonstra o farisaísmo e o regime escravocrata religioso que, para desgraça da humanidade, instalou-se na sociedade.

A visita de Natividade e sua irmã Perpétua ao morro do Castelo, a fim de consultar a cabocla, confere a *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, uma áurea de misticismo e miticidade.

Vaticinara Bárbara, a cabocla, que “serão grandes, oh! Grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios, eles hão de subir, subir, subir...” (ASSIS, s/d, p. 32). Entretanto, um aspecto a que a mãe não atentou, em meio aos vislumbres futuros, foi o de que, além de brigarem em seu ventre no período de gestação, a cabocla predisse algo mais quando decretou: “Cá fora também se briga” (ASSIS, S/d, p. 32). O que constituiu uma espécie de vidência para a vida dos gêmeos, Pedro e Paulo, no tocante ao estabelecimento de uma convivência na qual a disputa ignominiosa, a jactância no conflito interpessoal e a diferença de personalidade, detalhes narrativos perceptíveis no enredo, os tornariam simplesmente irreconciliáveis, quer no âmbito do relacionamento pessoal, quer no convívio social: família, namoro, profissão e posicionamento político. Também no livro de Gênesis (BÍBLIA SAGRADA, 2006, p. 35) há uma referência profética que desconstrói a mítica da religiosidade pré-estabelecida: “E o Senhor lhe disse: duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas; um povo será mais forte que o outro, e o maior servirá ao menor”. A razão da disputa de poder, o cerne do confronto milenar, a primogenitura, é contestada, desautorizada como fator preponderante na tradição hierárquica social: “pois o maior servirá ao menor”. A resposta de Deus é concedida a Rebeca que diante da indagação de seu coração a respeito do motivo dos filhos lutarem em seu ventre, orara. Portanto, a preocupação de Rebeca era real, principalmente por causa de sua esterilidade<sup>7</sup>. Aquela gravidez milagrosa era uma oportunidade única de autoafirmação como mãe, progenitora, matriarca: uma nova Eva, mãe de uma Nação.

O enredo das obras prossegue no sentido de se entrecruzarem na ação das protagonistas dos romances. A rivalidade, a vingança, a disputa são acentuadas pela presença feminina e percebidas pela intervenção matriarcal na história. No episódio, do livro *Dois irmãos*, que resultou no ferimento do rosto de Yakub, Lívia (a menina loirada, apresentada, que sorria sem malícia) era o mote (ou, a desculpa) do acontecimento que selou, abrupta e ruidosamente, a ruptura da relação dos gêmeos:

A magia no porão escuro demorou uns vinte minutos. Uma pane no gerador apagou as imagens, alguém abriu uma janela e a platéia viu os lábios de Lívia grudados no rosto de Yakub. Depois, o barulho de cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa, rápida e furiosa do caçula. O silêncio durou uns segundos. E então o grito de pânico de Lívia ao olhar o rosto rasgado de Yakub. (...) o caco de vidro escuro na mão direita, o olhar aceso no rosto ensanguentado do irmão (HATOUM, 2000, p. 22).

---

<sup>7</sup> A esterilidade é considerada ainda hoje, em diversas culturas, uma maldição divina.

Um pouco antes do acontecido, Livia sorria para um, sorria para o outro. “Parecia atraída pelo aroma dos gêmeos, roçava seus braços nos dois”. E tudo isso só acrescia rancor à ignomínia de ser rejeitado, ou, de perder o objeto do desejo para o rival. A personagem machadiana, Flora, também não sabia se tocava piano ou se conversava, ou se conversava ou tocava piano. De tanta dubiedade, incertezas e apreensões, muitas delas ditadas pela cultura, não casou nem com um, nem com outro e morreu sem se decidir:

A morte não tardou. Veio mais depressa do que se receava agora. (...) Flora acabou como uma dessas tardes rápidas (...) quando lhe fecharam os olhos, era menos de defunta que de escultura (...) não há novidade nos enterros. Bem, pensado, a morte não é outra coisa mais que uma cessação da liberdade de viver, cessação perpétua. (ASSIS, s/d, p. 173).

Aqui, a morte não é autorredentora, acompanhada de purificação, como em *Lucíola* (CACCESE, s/d, p. 5), mas adota uma postura autopunitiva, na qual, em uma sociedade patriarcal, aos homens tudo é permitido, e às mulheres lhes é imputada a escolha. E nisso, o conselheiro Aires (o narrador de *Esaú e Jacó*) concorda com Paulo (o narrador de *Lucíola*). Rebeca, assim como Zana e Natividade, tem uma participação peculiar, íntima e exacerbada no desenvolvimento do enredo. A antítese se concentra no instante ínfimo da decisão do que ouviu e a ação de intervir: “E Rebeca escutou quando Isaque falava ao seu filho Esaú (...) Agora, pois filho meu, ouve a minha voz naquilo que eu te mando” (MACNAIR, 2006, p. 37). Não existe uma tentação repentina na trama, aceita sem reflexão, senão um planejamento deliberado para um fim aguardado. Sua ânsia pela aprovação e reconhecimento social do filho de sua predileção, Jacó, impulsiona-a astuciosamente a arquitetar, com a anuência do próprio filho, um plano para roubar a bênção da primogenitura de seu outro filho, o mais apegado ao pai: Esaú. Dissimulada, ela dá desfecho ao seu intento:

Vai, agora, ao rebanho e traze-me de lá dois bons cabritos; e eu farei deles um guisado saboroso para teu pai, como ele gosta; e levá-lo-ás a teu pai, para que o coma, e para que te abençoe antes da sua morte. Então, disse Jacó a Rebeca, sua mãe: Eis que Esaú, meu irmão, é varão cabeludo (*peludo*, n.a.) e eu, varão liso (...). Depois, tomou Rebeca as vestes de gala de Esaú, seu filho mais velho, que tinha consigo em casa, e vestiu a Jacó, seu filho menor. E, com as peles dos cabritos, cobriu as suas mãos e a lisura do seu pescoço (BÍBLIA SAGRADA, 2006, p. 37).

Rebeca acirra, assim, o ódio e o desejo de vingança no próprio seio familiar, isto é, semeia discórdia no relacionamento dos gêmeos, tornando-os, pois, aqui-inimigos. Depois de

tudo, sem saber como desfazer o que ela mesma provocara, envia Jacó à Padã-Arã,<sup>8</sup> assim como Zana, em *Dois irmãos* (HATOUM, 2000, p. 11), enviou Yakub ao Líbano, terra natal de seus pais, após um dos muitos desentendimentos entre os gêmeos. Jacó fez uma longa e penosa viagem à terra onde seu antepassados habitaram. Ali, na casa de um tio (Labão), sofreu as consequências de sua sandice pelo poder: foi usurpado. Já o romance de Hatoum, descreve os cuidados doentios de Zana, sua fúria e sua paixão, principalmente pelo *peludinho*, o filho mais novo. Seus sentimentos eram exacerbados, como vemos no trecho em que o pai, após flagrar o filho com uma mulher na sala da própria casa, dormindo nus, pega-o pelos cabelos, dá-lhe uma bofetada na cara e o acorrenta. Então, todas as mulheres da casa são mobilizadas a paparicar Omar: “Rânia passava arnica na face entumescida, a mãe alimentava o filhote na boquinha e Domingas ajeitava o penico para ele mijar. Três escravas de um cativo” (HATOUM, 2000, p. 68). Aquele era o papel de Zana: alimentar o ego do notívago; alimentar, que no sentido de eletricidade significa ligar (um circuito) a uma fonte de força eletromotriz. A mãe era a fonte da força eletromotriz que nutria o não-limite, o desregramento e o caráter fragmentado e dissoluto do cativo. Não é diferente a saga da irmã de Perpétua com os gêmeos na obra de Machado (ASSIS, s/d, p. 76): “Natividade é que não teve distrações de espécie alguma. Toda ela estava nos filhos”, ou seja, toda a vida da mãe de Pedro e Paulo, com todas as suas virtudes, sonhos, esperanças e crenças, estava concentrada nos filhos. Logo, há a equivalência dos acontecimentos à fala de Murdock (2006, p. 8) ao declarar que “seu focar decide seus sentimentos”. Focalizar, centralizar a visão, enxergar apenas um único objeto, sem a presença constante do equilíbrio, geram uma obsessão, tal qual um fogo abrasador que consome o que estiver em seu caminho. Por isso, Prometeu foi castigado; Nadabe e Abiú foram mortos; Narciso se afogou; Rubião enlouqueceu; Ananias e Safira expiraram e a Roma de Nero foi queimada.

Os enredos dos textos analisados confirmam o conceito de Lucien Goldmann sobre a forma romanesca, caracterizado pela presença de um herói problemático com seus valores autênticos dentro de um mundo não-autêntico, reafirmado na passagem: “Numa sociedade produtora de bens para o mercado, a relação entre os homens estaria corrompida. As relações também estariam dentro da classe de bens de consumo” (GOLDMANN, 1984, p. 109). Logo, não há heróis nas tramas. O enredo denuncia a presença do anti-herói, não os ícones da *Semana de Arte Moderna*, com seus manifestos iconoclastas sociais, mas adões (TELES,

---

<sup>8</sup> Padã-Arã – Planície de Arã ou Síria. O planalto cultivado ao norte da Mesopotâmia. Região que Naor e Abraão habitavam, antes da viagem para a Terra de Canaã, a Terra Prometida.

1983, P.15). Alguns sem folhagem, despidos pelo enredo verossímil das narrativas, abraçados a *Baco*<sup>9</sup>, embebido de *Dionísio*, morando em seus *sheols*<sup>10</sup> particulares, transitando com asas de Ícaro<sup>11</sup> na estrada de Guimarães Rosa, a cantar uma elegia no navio de Castro de Alves<sup>12</sup>. O relacionamento nos enredos das obras é um bem de consumo. Sujeito a todo tipo de exploração, sequestro, amargura, dilaceramento, mentiras e dissimulações, transtornando famílias inteiras, com fortes reflexos na sociedade, pois, por mais que se queira, ninguém é uma ilha solitária no vasto oceano da vida.

## Conclusão

Este breve ensaio retrata a contemporaneidade de Milton Hatoum na constituição de um diálogo atemporal, que perpassa a ambiência interior, pessoal e particular do indivíduo (com suas dores, frustrações, taras e fugas da realidade), além de perscrutar a periodização de cunho estilístico da literatura (COUTINHO, 1999, p. 14) dentro de um cenário polissêmico, sociocultural, de permanência dos anti-heróis. Hatoum estabelece uma ficcionalidade multifacetada e intertextual, seja por meio de uma poética pessoal, ou por uma busca de equivalências textuais, ou ainda na tentativa de simetria diacrônica intertextual, que rasga o véu do tempo-espaço e se faz clássica (no sentido de permanência, desdobramento e redescoberta) na linha histórica da literatura brasileira. Em nossas próprias palavras, “uma leitura instigante e prazerosa, não somente para os amantes da literatura, mas para todos que se prontificarem a lê-la” (MENEZES, 2009, p. 2).

## Referências bibliográficas:

ARANTES, Paulo. Nação e reflexão. In: ABDALA JR., Benjamin; CARA, Salete de Almeida (org.). *Moderno de nasença: figuras críticas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 27-45.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Esau e Jacó*. Rio de Janeiro: Escala, s/d.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitiniana do Brasil, 1994.

<sup>9</sup> Baco e Dionísio são divindades da mitologia grega e latina. Relacionam-se a vinho, embriaguez e orgias.

<sup>10</sup> Sheol e hades são idênticos. Uma palavra é hebraica e a outra é grega. Significam o lugar para onde vão os mortos. Entretanto, em uma interpretação mais recente, significam um estado de morte e não um lugar.

<sup>11</sup> Ícaro remete a alguém que sonha e consegue voar, porém com asas de cera, as quais o sol derrete.

<sup>12</sup> Aqui há, paradoxalmente, entre “o mar de Castro Alves e o sertão retratado por Guimarães Rosa”, uma convergência semântica.

BIRMAN, Daniela. Entrevista. Milton Hatoum. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 de ago. 2005. Caderno Prosa & Verso, p. 6.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

BOYER, Orlando. *Pequena enciclopédia bíblica*. 28 ed. São Paulo: Vida, 1999.

CACCESE, Neusa Pinsard. Apresentação. In: ALENCAR, José Martiniano de. *Lucíola*. São Paulo: Ática, s/d, p. 5.

CANDIDO, Antonio. O escritor e o público. In: - - - . *Literatura e sociedade*. 8 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000, p. 74.

- - - - . *Iniciação à Literatura Brasileira*. São Paulo: Humanitas, 1998.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

ETCHEVERRY, Manuel Graña. Introdução. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma Poesia*. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 8.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2008.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

- - - - .. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MACNAIR, Stuart Edmund. *Bíblia de estudo explicada*. 2 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

MENEZES, Denilson Costa. Resenha: *Dois irmãos*. *Revista Eletrônica Cadernos da FaeL*, Nova Iguaçu, v. 1, n. 3, 2009. Disponível em <http://www.unig.br/cadernosdafael>.

MURDOCK, Mike. *As chaves da sabedoria*. 2 ed. Rio de Janeiro: Imprensa da Fé, 2006.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2001.

OLIVEIRA, Paulo César Silva de. Zona de fronteira: ressonâncias críticas na obra de Milton Hatoum. *Vertentes*, São João del-Rei, n. 32, p. 63-73, jul./dez. 2008.

PAULINO, Graça. A cultura como jogo intertextual. In: *Intertextualidades*. Belo Horizonte: Lê, 2000, p. 21.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Amós Coelho da.; MONTAGNER, Airto Ceolin. *Dicionário latino-português*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ingráfica, 2007.



SOARES, Angélica M. Santos. *A crítica*. In: SAMUEL, Rogel (org). *Manual de Teoria da Literatura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984, p. 93.

SOFÓCLES, *Rei Édipo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

VANUCCI, Aldo. *Cultura brasileira: o que é; como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

### **Mythic intertexts in *Dois irmãos*: a brief report**

Denilson Costa Menezes  
Universidade Iguazu

**Abstract:** This article is a reflection on the intertextual elements found in *Dois irmãos*, by Milton Hatoum. This paper traces a path based on three fundamental aspects of this novel: equivalence of themes; analogies between its character with other texts; and the symmetry of its plot with two other intertexts: *Esau e Jacó*, by Machado de Assis, and the Book of Genesis, in the *Bible*.

**Key Words:** Milton Hatoum. Intertextuality. The Bible. Machado de Assis.